

# *Cavaleiros, monges e sabres de luz: o imaginário medieval na saga Star Wars*



Detalhe do pôster do filme *Star Wars* (1977).

*Ademir Luiz da Silva*

Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor da Universidade Estadual de Goiás-Anápolis (UEG) e do Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER). Autor, entre outros livros, de *Uma breve história do Templo: da fundação da Ordem dos Templários à criação da Ordem de Cristo – séculos XII-XIV*. Goiânia: Editora da PUC/Kelps, 2012. ademir.hist@bol.com.br

## Cavaleiros, monges e sabres de luz: o imaginário medieval na saga *Star wars*\*

Knights, monks and light sabers: medieval imagery in the *Star wars* saga

*Ademir Luiz da Silva*

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as influências do imaginário tradicionalmente relacionado com a Idade Média na saga de ficção científica *Star wars*, produzida pelo cineasta norte-americano George Lucas. Inicialmente, definimos a diferença entre os conceitos de “reminiscências medievais” (a presença residual de elementos medievais no mundo moderno), e “medievalidades” (a mitologia medieval, no que ela possui de místico, aventureiro e romântico), procurando estabelecer de que modo a mídia cinematográfica se utiliza desses elementos para apresentar distintas perspectivas do medievo. Com base na análise de diferentes componentes da saga, tais como entretos dramáticos, personagens, ambientações e aspectos visuais, partimos do princípio de que ela se passa no que seria o equivalente ao período medieval daquela “galáxia distante”. Estão presentes em seu enredo tanto a polêmica concepção de que a Idade Média seria um “período de trevas” quanto a noção romântica de que o medievo é o lugar privilegiado da magia e do heroísmo cavaleiresco.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idade Média; *Star wars*; medievalidades.

### ABSTRACT

*This paper analyzes the influences of the imaginary traditionally associated with the Middle Ages on the science fiction saga *Star wars*, produced by George Lucas. First, we define the difference between the concepts of “medieval reminiscences” (presence of residual medieval elements in the modern world), and “medievalities” (medieval mythology, in its mystical, romantic, and adventurous characteristics); we try to establish how film uses these elements to present different perspectives of the Middle Ages. Based on the analysis of different aspects of the saga - such as plot, characters, settings and visual elements - we assume that it takes place during what would be the equivalent of the medieval period of that “galaxy far, far away.” In its plot we find both the controversial idea that the Middle Ages would be a “age of darkness” and the romantic notion of the Middle Ages as the privileged place of magic and chivalrous heroism.*

**KEYWORDS:** art history, philosophy, interdisciplinarity



\* Este artigo é resultado das pesquisas de meu estágio de pós-doutorado, realizado na Faculdade de Artes Visuais da UFCG, sob a supervisão do Prof. Dr. Edgar Silveira Franco.

*“Como todos os sonhos, também o da Idade Média corre o risco de ser ilógico, e fonte de admiráveis deformidades”.*

Umberto Eco, *Dez modos de sonhar a Idade Média*.

A saga *Star wars*, concebida pelo produtor, roteirista e diretor George Lucas, é ambientada “há muito tempo, numa galáxia distante”. Contudo, é evidente que esse universo ficcional espelha nosso mundo. Partindo dessa perspectiva, seria possível indagar em qual período histórico, dentre os estabelecidos pela tradição erudita/acadêmica, encontra-se essa galáxia distante? Arrisco-me a afirmar que está em sua Idade Média. Não o multifacetado medievo de Huizinga<sup>1</sup> ou a “bela” Idade Média de Jacques Le Goff<sup>2</sup>, rica em alta filosofia e avanços técnicos. A Idade Média de *Star wars* é àquela dos contos de fadas e aventuras de gesta lidas com entusiasmo por D. Quixote.

Muitos de seus habitantes, destacando-se alguns dos protagonistas, representam conhecidos arquétipos tipicamente relacionados com o imaginário medieval. Planetas são tratados como reinos, com direito a monarquia e distribuição de títulos de nobreza. Num universo dominado por pistolas laser, as armas de maior destaque cinematográfico são espadas estilizadas, os sabres de luz. O vilão Darth Vader é representado como um cavaleiro negro, com os traços que tal personagem tradicionalmente carrega, incluindo a lealdade a seu suserano. O velho Obi-Wan Kenobi da Primeira Trilogia é um monge e eremita; e também um mago branco, sendo Merlin referência óbvia. Sua contraparte jovem da Segunda Trilogia, além de seu aprendiz Anakin Skywalker, são membros de uma Ordem monástico-militar. O Imperador Palpatine um bruxo praticante de magia negra. A Princesa Leia, com suas atribuições de política de carreira e comandante militar, seria uma adaptação moderna das antigas princesas em perigo das canções de gesta, carregando sutis traços de Joana D’arc em sua persona. Sua mãe, a Rainha Padmé Amidala, é uma nobre envolvida num jogo de cortesia com seu paladino protetor. Han Solo, a despeito do figurino calcado na estética do faroeste, e Chewbacca, apesar de ser alto e poderoso, encarnam respectivamente um cavaleiro secular sem herança, ganhando a vida em torneios, e seu escudeiro. Ou ainda, se abrirem ainda mais o leque da imaginação, Renart<sup>3</sup>, o Raposo, ou talvez Robin Hood e João Pequeno. Luke Skywalker é um tipo de Percival, um fazendeiro ingênuo que se torna um guerreiro poderoso motivado pela fé numa religião antiga. É sua conversão para tal credo que lhe permite enfrentar e derrotar o monstro Rancor, de *Episódio VI – o retorno de Jedi*, certamente um tipo de dragão, sempre presentes nessas categorias narrativas. Outros exemplos abundam.

É preciso desde o início estabelecer que *Star wars* não é exatamente, ou simplesmente, uma transposição do que deveria ser uma aventura medieval para o espaço. Na verdade, suas fontes de referências são as mais diversas, indo desde a mitologia greco-romana até o faroeste, a Guerra Cível americana, as duas Grandes Guerras do século XX e a filosofia oriental, com destaque para o código de honra samurai. Contudo, dentre as inúmeras fontes de inspiração para o desenvolvimento do projeto, as de caráter reconhecidamente “medievais” destacam-se. Em termos puramente cinematográficos, sabe-se, por exemplo, que numa das primeiras versões do roteiro do filme original de 1977 a história centrava-se na busca por uma espécie de Santo Graal, um cristal encantado. Ademais, o clássico *A fortaleza escondida*, de 1958, dirigido por Akira Kurosawa, ambientado durante o feudalismo japonês, apresentou para Lucas as linhas gerais e o ponto de vista da narrativa.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Cf. HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

<sup>2</sup> Cf. LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 51 e 52.

<sup>3</sup> Trata-se de uma figura de caráter antropomórfico, entre humano e lupina, que caracteriza-se pela esperteza e sagacidade. Possivelmente suas origens estão atreladas às fábulas de Esopo. Segundo Jacques Le Goff, Renart e um “instrumento da heroização da artimanha na cultura medieval e europeia mais do que qualquer outro herói ambíguo neste imaginário em que, como já vimos, não existe herói perfeito”. LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 240.

<sup>4</sup> EBERT, Roger. *A magia do cinema*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 480.

<sup>5</sup> LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*, op. cit., p. 30 e 31.

<sup>6</sup> ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 79.

<sup>7</sup> Cf. ECO, Umberto. *Pós-escrito a o nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 20.

<sup>8</sup> MACEDO, José Rivair. Cinema e Idade Média: perspectivas e abordagens. In: MACEDO, José Rivair e MONGELLI, Lênia Márcia (orgs.). *A Idade Média no cinema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 18.

<sup>9</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 170.

<sup>10</sup> MACEDO, José Rivair, op. cit., p. 15.

## George Lucas sonha sua Idade Média

Segundo Le Goff, “a Idade Média hoje está na moda, entre sombra e luz. [...] Veremos aqui, após o renascimento do Romantismo, um terceiro renascimento do imaginário medieval com duas invenções supremas do século XX: o cinema e as histórias em quadrinhos”.<sup>5</sup> George Lucas, oriundo da geração *baby boom*, os norte-americanos nascidos após a Segunda Guerra Mundial, testemunhou o avanço e vulgarização do imaginário medieval nas mídias populares. Espectador de TV, frequentador de seriados de matinês, entusiasta de filmes de aventura e leitor de quadrinhos, Lucas incorporou toda essa subcultural, onde o galã Robert Taylor encarnava Lancelot na versão hollywoodiana do Ciclo Bretão, no filme *Os cavaleiros da Távola Redonda*, de 1953, dirigido por Richard Thorpe, e o Príncipe Valente, criado por Hal Foster, era considerado a quintessência da sofisticação e realismo em arte sequencial. O que não pode ser desconsiderado por antecipação, uma vez que “só se volta ao período medieval remendando-o, nunca reconstruindo-o na sua plenitude e autenticidade”.<sup>6</sup>

Na universidade da Califórnia, onde cursou Cinema, os horizontes culturais de Lucas se ampliaram. Acrescentou em seu repertório de leituras obras cultuadas pela geração de estudantes de Maio de 68, tais como *A erva do diabo*, de Carlos Castaneda, e *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien. Ambas o influenciaram na composição de seu universo ficcional. De Castaneda tirou o direcionamento espiritual de *Star wars*. De Tolkien a ambientação.

Tolkien, antecedendo George Lucas em muitas décadas, escrevendo de modo contemporâneo a Joseph Campbell, autor de *O herói de mil faces*, utilizou a estrutura básica dos ciclos heroicos tradicionais para elaborar o enredo de suas narrativas. Acreditava que o ato de escrever não dependia apenas da habilidade narrativa e do cultivo do estilo, sendo, parafraseando Umberto Eco, um fato cosmológico.<sup>7</sup> Implicava na necessidade de se criar todo um universo com regras próprias, mas que fosse verossímil em comparação com a realidade. Durante parte considerável de sua vida, escrevendo livros como *O Hobbit*, *O senhor dos anéis* e o inacabado *O Silmarillion*, Tolkien empenhou-se na meticulosa construção do que chamou de Terra Média, um mundo em grande parte inspirado em lendas, mitos e na geopolítica da Europa medieval, para o qual chegou a desenvolver mitologias, populações e sistemas linguísticos inteiros.

Inegavelmente, a Terra Média de Tolkien representa um paradoxo teórico, por seus sucessivos distanciamentos e aproximações do medieval dito real. No texto de introdução de *A Idade Média no cinema*, intitulado “Cinema e Idade Média: perspectivas e abordagens” o medievalista brasileiro José Rivair Macedo, observou que “aos já habituais temas de uma mitologia contemporânea do Medieval (os Templários, a Távola Redonda e o Graal, as Cruzadas etc), somam-se os dragões e os monstros de uma Idade Média que deve muito ao universo criado por J. R. Tolkien em *O senhor dos anéis*”.<sup>8</sup> Tolkien, sendo um estudioso acadêmico do período, possuía plena compreensão dos desdobramentos hermenêuticos de seu projeto estético. O que nem sempre ocorre entre os artistas que optam por representar a Idade Média em suas obras.

“De fato, a Idade Média é a matriz da civilização ocidental cristã”<sup>9</sup>, mas num tudo que se advoga como medieval o é realmente. O que torna fundamental estabelecer distinções entre o que seria factível ou não de ser definir como tal. Segundo Macedo, existe uma clara diferença entre

os conceitos de “reminiscências medievais” e “medievalidades”. Para ele,

*por ‘reminiscências medievais’ devem-se entender as formas de apropriação dos vestígios do que um dia pertenceu ao Medievo, alterados e/ou transformados com o passar do tempo. Nessa categoria encontram-se, por exemplo, as festas, os costumes populares, as tradições orais de cunho folclórico que remontam aos séculos anteriores ao XV e que preservam algo ainda do momento em que foram criados, mesmo tendo sofrido acréscimos, adaptações ou alterações no decurso do tempo.<sup>10</sup>*

Por outro lado,

*Defrontamo-nos com uma das manifestações mais tangíveis da “medievalidade”, em que a Idade Média aparece apenas como uma referência, e por vezes uma referência fugidia, estereotipada. Assim, certos índices de historicidade estarão presentes em manifestações lúdicas, obras artísticas ou técnicas de recriação histórica (...), mas a Idade Média poderá vir a ser uma realidade muito mais imprecisa na inspiração de temas (magos, feiticeiros, dragões, monstros, guerreiros, assaltos a fortalezas) produzidas pelos meios de comunicação de massa e pela indústria cultural.<sup>11</sup>*

Umberto Eco, no artigo “Dez modos de sonhar a Idade Média”, arrola uma lista de perspectivas contemporâneas acerca do medievo. Três dessas “medievalidades” relacionam-se diretamente ao modo como Lucas construiu *Star wars*:

1 – *A Idade Média como maneira e pretexto. A de Tasso, para sermos mais claros, a do melodrama. Não existe real interesse por uma época, a época é vivida como “lugar” mitológico onde reviver personagens contemporâneos.*

2 – *A Idade Média como lugar bárbaro, terra virgem de sentimentos elementares, época e paisagem fora de toda e qualquer lei [...] O medievo é eleito como espaço escuro, dark ages por excelência. Mas naquele escuro se quer ver uma outra luz. [...]*

9 – *A Idade Média da Tradição. Local onde tomou forma (quero dizer: de modo iconograficamente estável) o culto de um saber bem mais antigo, o do misticismo hebraico e árabe, a da gnose. É a Idade Média sincretista, que vê na lenda do Graal, nos acontecimentos históricos dos Cavaleiros do Templo e a partir destes, passando pela fabulação alquímica, nos Iluminados da Baviera, até na atual maçonaria de rito escocês, o desenrolar de uma única e contínua história de iniciação. Acrítica e antifilosófica, está Idade Média vive de alusões e de ilusões.<sup>12</sup>*

Confirmando Eco, Ismail Xavier percebeu essa vocação melodramática de *Guerra das estrelas*<sup>13</sup> ao destacar que nele “O melodrama encontrou novas tonalidades vítreo-metálicas sem perder seu perfil básico, evidenciando sua adequação às demandas de uma cultura de mercado ciosa de uma incorporação do novo na repetição”.<sup>14</sup> A velha luta entre o bem e o mal ganhou tintas tecnológicas e estetizadas. Coloriu e deu ritmo às adaptações das aventuras tradicionais de personagens como El Cid, Robin Hood e Ivanhoé.

Nota-se que nas adaptações cinematográficas de seus ciclos de história costumam centrar parte considerável da duração em entreveros românticos entre o protagonista e seu interesse amoroso imediato. Nota-se aqui a transmutação do herói trágico em herói romântico. Detalhe importante, segundo a lógica comercial de parte considerável dos produtores de Hollywood, para o fortalecimento da identificação do público médio de

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*, p. 16 e 17.

<sup>12</sup> ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*, op. cit., p. 81 e 82.

<sup>13</sup> Ismail Xavier refere-se ao primeiro filme da saga, lançado originalmente como *Star wars*, ou, em português, *Guerra nas estrelas*. Apenas em seu primeiro relançamento, em 1978, foi renomeado de *Episódio IV – Uma nova esperança*.

<sup>14</sup> XAVIER, Ismail. *O olhar e a cena*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 88 e 89.

<sup>15</sup> MACEDO, José Rivair, *op. cit.*, p. 18.

<sup>16</sup> FRANCO JÚNIOR, *op. cit.*, p. 17.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 19.

cinema com os personagens na tela. Não raro, esses heróis arriscam multidões inteiras na tentativa de salvar suas princesas. A ação melodramática não permite que o espectador perceba a incongruência de tais opções. Parece-lhes justas, na medida em que são os desdobramentos lógicos da ação empreendida. Também por isso, “é no âmbito da ‘medievalidade’, e não no da historicidade medieval, que o cinema alusivo ao Medievo deve ser pensado”<sup>15</sup>.

Esses sonhos da Idade Média evocam, constantemente, pesadelos. O medieval, conforme citou Eco, é o tempo da barbárie; por extensão, o tempo do conflito, do avanço das forças obscuras que solapam a criatividade, a democracia, a individualidade etc.

A ideia de Idade Média nasce de um preconceito. Quando Vasari, no século XVI, numa coletânea biográfica de artistas, popularizou o termo Renascimento, estava cristalizando séculos de negação de todo um período da história humana. Ainda no século XIV, Petrarca, sentindo-se pioneiro de novos tempos, referia-se aos séculos imediatamente anteriores como *tenebrae*, o Tempo das Trevas. Em 1469, o bispo Giovanni Andrea, em sua função de bibliotecário papel, cunhou o termo *media tempestas*, o Tempo Médio. Meio caminho entre o período clássico e o vivido. Rabelais, no século XV, referiu-se a uma “espaça noite gótica”. O definitivo estabelecimento do conceito veio em 1688 com o manual escolar de Christopher Keller, também conhecido como Cellarius, no qual definia uma cronologia com fins didáticos para a História Universal, dividida em Antiguidade, Idade Média e Modernidade. Sendo que

*O termo expressava um desprezo indisfarçado pelos séculos localizados entre a Antiguidade Clássica e o próprio século XVI. Este se via como o Renascimento da civilização grego-romana, e portanto tudo que estivera entre esses picos de criatividade artístico-literária (de seu próprio ponto de vista, é claro) não passava de um hiato, de um intervalo. Logo, de um tempo intermediário, de uma idade média.*<sup>16</sup>

Apenas no século XIX, com o movimento romântico, o preconceito contra o medieval recuou. “O ponto de partida fora a questão da identidade nacional, que ganhara força significativa com a Revolução Francesa”<sup>17</sup>. O tema Idade Média, reconhecido como fonte de vitalidade e paixão, passou a ocupar o imaginário literário da época enquanto necessário contraponto ao racionalismo iluminista. Grandes autores ocuparam-se de obras de ambientação medieval, tais como o alemão Goethe, autor de *Fausto*, e o francês Victor Hugo, autor de *O corcunda de Notre Dame*. Além disso, após ser dado como esgotado e transformado em sátira por Cervantes em *D. Quixote de La Mancha*, o gênero novela de cavalaria voltou a gerar obras importantes como *Ivanhoé*, do escocês Walter Scott, e os doze poemas narrativos *Os idílios do rei*, do inglês Alfred Tennyson, retomando o ciclo arturiano.

### **A recorrência da Idade Média como era das trevas**

O célebre texto de abertura do filme original estabelece desde o primeiro momento que se vive um momento de crise, de “trevas”.

*É um período de guerra civil. Partindo de uma base secreta, naves rebeldes atacam e conquistam sua primeira vitória contra o perverso Império Galáctico. Durante a batalha, espões conseguem roubar os planos secretos da arma decisiva*



do Império, a ESTRELA DA MORTE, uma estação espacial blindada com poder suficiente para destruir um planeta inteiro.

Perseguidos pelos sinistros agentes do Império, a princesa Leia, apressa-se em voltar para casa a bordo de sua nave estelar, protegendo os planos roubados que podem salvar seu povo e restaurar a liberdade na galáxia...

Mas é do âmago dessas trevas surgem as oportunidades para o heroísmo. “A Idade Média considerava a epopeia como monumento do feudalismo valente, na luta contra os infiéis, e o romantismo considerava-a como monumento do patriotismo religioso”.<sup>18</sup>

O medievo vivia um estado permanente de guerra. Feudo contra feudo, reino contra reino, constantes disputas de fronteiras marcavam um cenário que poderia ser descrito, alargando seu sentido geral, de guerra civil. Como em *O senhor dos anéis*. E seguindo o exemplo da obra de Tolkien, um dos temas transversais de *Star wars* são as diferentes concepções de tecnologia.

Quando, em *Episódio IV – uma nova esperança*, Obi-Wan Kenobi apresenta Luke Skywalker com uma espada cujo fio é um lamina laser comenta nostálgico: “É o sabre de luz de seu pai. É a arma de um cavaleiro jedi. É mais jeitosa e certa que uma arma laser. Uma arma elegante, para dias mais civilizados”<sup>19</sup>(00:33:43). Essa evocação retoma uma impressão dominante na Baixa Idade Média, onde já se usava pólvora com regularidade e as espadas da cavalaria andante tornaram-se arcaicas, símbolos de um passado que apenas homens de frágil saúde mental, como o já citado fidalgo D. Quixote, querem preservar. O laser é a pólvora, o sabre de luz, a espada de metal. O primeiro representa o combate à distância, a luta asséptica e, de certo ponto de vista, covarde; o segundo a justa entre dois guerreiros que se metem em habilidade, mas também em coragem, honra e fidalguia.

A primeira trilogia de *Star wars* se passa claramente em um período considerado de decadência por seus contemporâneos. Decadência civilizacional e moral. Obi-Wan Kenobi, sempre em seu tom saudoso, relembra que “por mais de mil gerações os Cavaleiros Jedi foram os guardiões da paz e da justiça na Velha República. Antes da Era das Trevas. Antes do Império”<sup>20</sup>(00:34:00). Essa desagregação da unidade republicana a partir da guerra separatista é evocada no texto de abertura de *Episódio II – o ataque dos clones*:

*Há apreensão no Senado Galáctico. Milhares de sistemas solares manifestaram sua intenção de deixar a República.*

*Esse movimento separatista sob a liderança do misterioso Conde Dooku, tornou difícil para o pequeno número de Cavaleiros Jedi manter a paz e a ordem na Galáxia.*

*A Senadora Amidala, ex-rainha de Naboo, está voltando ao Senado Galáctico para votar a delicada questão de criar um Exército da República para ajudar os combalidos Jedi...*

Faz-se eco ao Império Romano. Ao longo da Segunda Trilogia, formada pelos episódios 1, 2 e 3, têm-se como pano de fundo da tragédia da família Skywalker os últimos anos da Velha República. O subtexto político é evidente. Guia e pauta os elementos românticos e aventurecos que se sobressaem na narrativa. Não é por acaso que algumas das cenas visualmente mais impactantes da saga se passam no Senado Imperial. A grandiosidade do ambiente ressalta o poder que dali emana e está sendo minado. É sintomático, por exemplo, que a luta mais importante da saga,

<sup>18</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*, v. 1. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978, p. 143.

<sup>19</sup> *Guerra nas estrelas* (EUA, *Star wars episode IV – a new hope*, 1977). Direção e roteiro: George Lucas. Produção: Gary Kurtz. Música: John Williams. Elenco: Mark Hamill, Harrison Ford, Carrie Fischer, Alec Guinness, Peter Cushing. Aventura / Ficção. Cor, som, 121 min. DVD.

<sup>20</sup> *O ataque dos clones* (EUA, *Star wars episode II – attack of the clones*, 2002). Direção: George Lucas. Roteiro: George Lucas; Jonathan Hales. Produção: Rick McCallum. Música: John Williams. Elenco: Ewan McGregor, Natalie Portman, Hayden Christensen, Ian McDiarmid. Aventura / Ficção. Cor, som, 142 min. DVD.

<sup>21</sup> ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*, op. cit., p. 83.

<sup>22</sup> ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 99.

travada entre Yoda e Palpatine, se passe no Senado; inclusive destruindo-o fisicamente. Essa destruição é, ao mesmo tempo, simbólica e real. A República, que possuía todos os defeitos e qualidades das democracias, ruiu, dando lugar à ditadura.

Os anos de ouro daquela “galáxia distante” acabaram definitivamente quando, em *Episódio IV – uma nova esperança*, o governador Tarkin, comandante da Estrela da Morte, anuncia que “o Senado Imperial deixará de nos causar transtorno. Acabo de receber a notícia de que o Imperador dissolveu o Conselho definitivamente. Os últimos remanescentes da Velha República foram varridos” (00:37:18).

O fracasso da resistência republicana gerou uma galáxia dominada por uma entidade político-religiosa de poder absoluto, que domina todos os aspectos da vida daquela sociedade multiestelar. O Império Galáctico representa uma versão caracteristicamente maligna da Igreja Católica, maior autoridade do medievo, que, principalmente, desde os desdobramentos da Reforma Protestante ganhou contornos maléficos no imaginário popular, sobretudo nas nações de predominância protestante. Fazendo esse espelho, o Império Galáctico possui tentáculos que alcançam todos os planetas da galáxia, impondo a autoridade de um antipapa, um papa negro, encarnado na figura do imperador Palpatine.

Entende-se aqui Idade Média não como um período cronologicamente reconhecível e estabelecido no calendário, mas como uma condição histórica, num sentido explicitamente preconceituoso, marcada por alguma condição de atraso. Essa noção de Idade do Meio é um conceito que retorna de tempos em tempos. Nas últimas décadas o debate sobre uma Nova Idade Média foi acirrado. Na década de 1980, Umberto Eco travou uma polêmica com o teórico italiano Roberto Vacca acerca do que seria exatamente essa condição. Eco explica que “quando Roberto Vacca falou da Idade Média próxima vindoura, ele estava pensando na derrocada dos grandes sistemas tecnológicos, derrocada que instauraria uma nova Idade Média feudal ou pré-feudal, fundada na penúria e na luta pela sobrevivência”.<sup>21</sup> Portanto, para Vacca a Nova Idade Média advém de uma sucessão de tragédias que acabam estabelecendo uma espécie de “projeto de apocalipse”, no qual se perde o acesso às conquistas tecnológicas da sociedade moderna. Condição que faria retroceder as conquistas morais e éticas.

Eco é menos dramático e, conforme explica no artigo “A nova Idade Média”, o medievo, enquanto estado de espírito, jamais se diluiu completamente nas sociedades contemporâneas. O que ele faz é mapear as permanências, onde identifica nas relações entre Estado e Igreja, nas formas de pensamento, na cultura popular, no neomadismo, em resquícios do pensamento medieval. “A Idade Média conservou a seu modo a herança do passado não para hibernação, mas para contínua retradução e reutilização, foi uma imensa operação de *bricolage* em equilíbrio instável entre nostalgia, esperança e desespero”.<sup>22</sup>

## O monasticismo jedi

Se *Star wars* está repleto de referências medievais, a mais evidente é a questão monástica. Os cavaleiros jedi, detentores do monopólio religioso da Galáxia, soldados e sacerdotes da Força, reproduzem o que seriam as “ordens religiosas militares, de ‘Cavaleiros de Cristo’”. Trata-se do resultado da conversão do cristianismo à guerra. O surgimento de uma personagem



que reunia em si mesma o monge e o guerreiro”.<sup>23</sup> Mas não apenas isso. Segundo Huizinga, “como ideal de vida bela, a concepção cavaleiresca tem aspectos peculiares. É um ideal essencialmente estético, feito de fantasias coloridas e sentimentos elevados, que também almeja ser um ideal ético: o pensamento medieval só pode conferir nobreza a um ideal de vida se o puder vincular à piedade e à virtude”.<sup>24</sup>

Essa é a concepção por trás da criação do conceito da cavalaria jedi. Os jedi são poderosos, rápidos, ágeis; porém devem ser humildes e agem a serviço de uma causa, supostamente, maior. Eles praticam violência, até matam, mas sempre em função de sua obrigação de manter a “paz da galáxia”. Percebe-se uma clara relação entre os cavaleiros jedi e a tradição heroica relacionada às ordens militares criadas nos tempos das Cruzadas e da Reconquista, sobretudo à confraria monástica dos Cavaleiros do Templo de Salomão.

São Bernardo, abade do mosteiro cisterciense de Claraval, na França, patrono da Ordem dos Templários, foi o principal responsável pelo desenvolvimento da mística em torno do *miles Christi*, o “Soldado de Deus”. A personagem heroica, romântica e misteriosa, de fé inabalável, movido por um sentimento particular de cruzada, saiu de seus escritos. Defensor da ortodoxia da Igreja disseminou a Teoria dos Dois Gládios: “O Gládio espiritual e o gládio material pertencem, um e outro, à Igreja. Mas o segundo deve ser manejado a favor da Igreja e o primeiro pela própria Igreja”.<sup>25</sup>

A expansão europeia da Ordem dos Templários deve ser interpretada a partir da Reforma Gregoriana, iniciada em meados do século IX, por Cluny e, posteriormente, continuada por Cister, no século XII. Pretendia-se retornar a uma estrita observância da Regra de São Bento, marcada pelo espírito de humildade, penitência e busca pela solidão contemplativa, fortalecendo espiritualmente a Igreja, permitindo seu domínio moral sobre a sociedade laica, por intermédio de um exemplo de disciplina e comprometimento. Ao mesmo tempo, certa vocação guerreira sempre foi implícita na mentalidade monástica.<sup>26</sup> Não por acaso, os monges regulares, inspirados nos mártires cristãos da Antiguidade e, sobretudo, em Paulo de Tarso, passaram a se designar como *milites Dei*, soldados de Cristo. Comparavam o cordão que amarravam seus hábitos com o cinturão dos centuriões romanos, o *cingulus militiae*.

Vocação que se cristalizou com o desenvolvimento das ordens de cavalaria, a *miles Christi* propriamente dita. A ideologia das ordens militares criadas após as cruzadas, não apenas a dos templários, mas também dos hospitalários e dos cavaleiros Teutônicos, além de outras, pode ser entendida como uma tentativa de recuperação do prestígio e pureza da cavalaria medieval a partir de sua adesão a estes movimentos monásticos que pretendiam renovar e moralizar os negligentes quadros da Igreja. Serviam como ampliação, extensão e braço armado desta reforma.

A principal inspiração veio de Santo Agostinho.<sup>27</sup> Ainda no século V, o futuro doutor da Igreja defendia a santificação da guerra contra os pagãos e infiéis. Uma guerra justa, a *jus bellicum*. Entendia-a como uma versão sagrada da *Bellum Romanum*, a guerra romana, a luta em defesa do modelo civilizatório do Império Romano, agora encarnado na nova Roma cristã, na qual a ética cristã substitui a *pax romana* e, conseqüentemente, o bispo de Roma passou a representar o papel anteriormente desempenhado pelo imperador.

<sup>23</sup> LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*, op. cit., p. 119.

<sup>24</sup> HUIZINGA, Johan, op. cit., p. 99.

<sup>25</sup> FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 97.

<sup>26</sup> Cf. FLORI, Jean. *A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 186.

<sup>27</sup> SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. Petrópolis, Vozes, 1999, p. 64.

<sup>28</sup> A REGRA PRIMITIVA DOS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS. Comentários de Pinharanda Gomes. Lisboa: Hugin, 1999, p. 3 e 4.

<sup>29</sup> Cf. DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 88.

Nesse cenário, os Templários foram responsáveis em introduzir a noção de perigo no cotidiano da *miles Christi*. Antes deles, ser um “soldado de Cristo” poderia ser compreendido como uma designação metafórica. E de fato era. Contudo, com o Templo e a estabelecimento de seu modo de vida, foi incorporado um sentido lato. Assumindo o papel de guardiões das estradas e dos lugares santos, atividades externas à sua sede, os Templários diferenciavam-se das outras ordens, que agiam primordialmente dentro da segurança de hospedarias e hospitais. Os monges-guerreiros deveriam estar preparados para lutar, matar e morrer, participar de perseguições e escaramuças.

Foi, sobretudo, por meio de textos de Bernardo de Claraval que se divulgou essa nova concepção de *miles Christi* e, por extensão, de cruzada. A cruzada permanente. Neste sentido, a afirmação de que Bernardo de Claraval criou a figura popular do cavaleiro templário, pode parecer exagero, mas esta muito próxima da realidade. Sua autoridade moral e, sobretudo, intelectual junto aos maiores dignitários da Igreja foi o que tornou viável o desenvolvimento do conceito de monge-guerreiro, conforme existiu a partir de meados do século XII.

*O certo é que, morra-se no leito ou na guerra, preciosa será, sem dúvida, aos olhos do Senhor, a morte dos seus santos. Mas na guerra, seguramente, é tanto mais preciosa quanto é a mais gloriosa. Oh!, que vida tranquila, quanto é pura a consciência! Oh!, digo, que vida tranquila, quando se espera a morte sem medo, e, bem ao contrário, é ela vivamente desejada com prazer e recebida com devoção. Oh!, verdadeiramente santa e segura milícia, e, por completo livre do duplo perigo que ao género humano sói, amiúde, pôr à prova, quando Cristo não é o único motivo de se militar. De facto, todas as vezes que tu, combatendo, o faças na milícia profana, debes temer inteiramente ou que te mates deveras na alma com matar o inimigo no corpo, ou que sejas acaso morto por ele, a um tempo, no corpo e na alma. Considera-se um facto que o perigo ou a vitória do cristão não reside no evento guerreiro mas nas disposições do coração.*<sup>28</sup>

Se a ideia do guerreiro cristão lutando pela defesa circunstancial de sua religião não era de todo estranha ao medievo, a de um monge-guerreiro em tempo integral era. Causava estranheza tal mistura de missões. A imagem de um homem de oração empunhando uma espada, derramando sangue, cortando cabeças, ainda que de infieis, levando uma existência aventureira, não era de modo algum facilmente assimilável. A noção de cruzada jamais deixou de possuir certa conotação de aventura utópica. Em *Episódio IV – uma nova esperança*, quando Obi-Wan Kenobi revela para Luke Skywalker que seu pai não foi um piloto de cargueiro, mas um grande guerreiro, acrescenta que essa verdade lhe foi escondida porque: “Seu tio teve medo que você seguisse alguma cruzada idiota e idealista como seu pai fez” (00:33:26).

Desde meados do século XI, a Igreja, sobretudo a francesa, forjou um modelo de comportamento moral para a aristocracia no qual sua vocação militar justificava seus privilégios sociais. Ao longo dos séculos XI e XII, a liturgia católica ganhou cada vez mais força nas cerimônias de sagração do cavaleiro, até transformar-se em um verdadeiro sacramento. A criação da milícia de Cristo, religiosos dedicados à vida de armas, foi o extremo desta tendência. Em termos absolutos, a grande modificação trazida pela ideia de *miles Christi* foi à introdução da cavalaria no plano divino de salvação do mundo.<sup>29</sup>

Os Jedi identificam-se como tal perspectiva religiosa, filiando-se a uma profecia que prevê “o equilíbrio da força”, portanto a um “plano divino”. O texto de abertura de *Episódio I – a ameaça fantasma*<sup>30</sup> apresenta-os como os “guardiões da paz e da justiça na galáxia”, preocupados com o fato de que

*A desordem instalou-se na República Galáctica. A cobrança de taxas pelas principais rotas de comércio para sistemas remotos está sendo contestada.*

*Esperando resolver o problema com poderosas naves de guerra, a gananciosa Federação do Comércio bloqueou toda remessa para o pequeno planeta Naboo.*

*Enquanto o Congresso da República discute indefinidamente sobre essa sequência de eventos, o supremo Chanceler enviou secretamente dois cavaleiros Jedi, guardiões da paz e da justiça na galáxia, para porem fim ao conflito...*

Nota-se que a missão Jedi nesse caso se refere a uma querela de caráter político e econômico. O que está em jogo nesse momento são taxas e rotas comerciais, não disputas de caráter iminente militar. São diplomatas. Mas, diplomatas preparados para o combate, se ele se fizer necessário, for inevitável e, sobretudo, revelar-se justo.

O conceito de guerra justa pressupunha combate ao inimigo com o qual o entendimento não era possível. O inimigo é o outro, o estrangeiro. A guerra significava uma forma extrema de alteridade. Há, basicamente, três tipos de argumentação na filosofia da guerra. O primeiro, de extrato antropológico, estimava que a guerra faz parte da natureza humana. O segundo, de extrato político, apontava que o surgimento de situações de guerra sempre atende jogos específicos de interesses. O terceiro tipo de argumentação indicava que a guerra era criadora de valor, de ordens ou de justiça.<sup>31</sup> Nessa concepção filosófica da guerra encontra-se o germen da cruzada. Uma total entrega do guerreiro à causa de Cristo, à defesa de sua fé. A otimização desta visão de mundo levou ao desenvolvimento do conceito de *miles Christi*. Colocou uma espada nas mãos dos monges, obrigando-os a dispor-se a sujar seus hábitos de sangue.

Segundo Michael Walzer<sup>32</sup>, em *Guerras justas e injustas*, autores medievais faziam distinção entre *jus ad bellum*, a justiça do guerrear, e a *jus in bellum*, a justiça no guerrear. No primeiro caso, exige-se que os motivos da agressão e da defesa sejam considerados justos pelos contendores. O segundo exige consciência das normas positivas de combate. Não são teses complementares, sendo independentes em termos lógicos. Nada impede que uma guerra justa seja travada de maneira injusta ou que uma guerra injusta seja travada de modo justo e civilizado, dependendo da perspectiva de ação do guerreiro envolvido no combate.

O dualismo entre os cavaleiros Jedi e Sith está aqui representado. Embora seja o símbolo máximo de uma religião, e, por conseguinte, um conhecimento teoricamente restrito para iniciados, a energia da Força, em princípio, seria neutra. Nem boa nem má. Perspectivas como “lado bom” ou “lado negro” da força são, na prática, abstrações. O uso que se faz dela é que determina, dentro dos padrões comportamentais daquela sociedade, o que é bem e o que é mal.

Em *Episódio I – uma nova esperança*, Obi-Wan explica que

*Vader foi seduzido pelo Lado Negro da Força.*

*Luke: Da Força?*

*Obi-Wan Kenobi: A Força é o que dá poder ao Jedi. É um campo de energia criado*



<sup>30</sup> *A ameaça fantasma* (EUA, *Star wars episode I – the phantom menace*, 1999). Direção e roteiro: George Lucas. Produção: Rick McCallum. Música: John Williams. Elenco: Lean Nesson, Ewan McGregor, Natalie Portman, Jake Lloyd, Ian McDiarmid. Aventura / Ficção. Cor, som, 136 min. DVD.

<sup>31</sup> Cf. CASTILLO, Monique. *A paz: razões de Estado e saberia das nações*. Rio de Janeiro: Difel, 2001, p. 7.

<sup>32</sup> WALZER, Michael. *Guerras justas e injustas: uma argumentação moral com exemplos históricos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 34.

<sup>33</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário, *op. cit.*, p. 191.

<sup>34</sup> *A vingança dos sith* (EUA, *Star wars episode III – revenge of the sith*, 2005). Direção e roteiro: George Lucas. Produção: Rick McCallum. Música: John Williams. Elenco: Ewan McGregor, Natalie Portman, Hayden Christensen, Ian McDiarmid. Aventura / Ficção. Cor, som, 139 min. DVD.

<sup>35</sup> FLETCHER, Richard. *A cruz e o crescente*. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2010, p. 188.

*por todos os seres vivos. Ele nos envolve e penetra. É o que mantém a galáxia unida” (00:34:35).*

Para os membros da religião de Estado, os jedi, o chamado Lado Negro seria uma espécie de heresia. Qualquer coisa que os contraria deve ser combatido como impuro e deturpado. Hilário Franco Jr, no glossário de *Idade Média*, explica que heresia significa “literalmente ‘escolha’, quer dizer adoção de ideias e posturas contrárias aos valores religiosos oficialmente aceitos pela comunidade [...] as heresias medievais foram muitas vezes uma transferência de aspirações socioeconômicas para o plano espiritual”.<sup>33</sup>

Ainda nesse episódio, fica estabelecido que Vader é um homem de fé, talvez fanatizado à religião. Trava uma discussão com um militar na ponte comando da Estrela da Morte sobre esse tema. Seu interlocutor afirma que

*Esta Estação é hoje o maior poder do universo. Sugiro que o usemos.*

*Vader: Não tenha tanto orgulho desse terror tecnológico que construiu. A capacidade de destruir um planeta é insignificante perto do poder da Força*

*Oficial: Não tente nos assustar com suas feitiçarias, lord Vader. A sua devoção doentia à antiga religião não ajudou a descobrir os dados roubados. Nem lhe deu clarividência para encontrar a fortaleza rebelde.*

*Vader: Eu acho perturbadora a sua falta de fé (00:38:08)*

Numa análise superficial parece tão devoto quanto Obi-Wan Kenobi. No texto de abertura de *Episódio III – a vingança dos sith*<sup>34</sup>, encontramos referência a essa neutralidade da Força.

*Guerra! A República está desmoronando sob o ataque do impiedoso Lorde Sith Conde Dooku. Há heróis em ambos os lados. O mal está em toda a parte.*

*Em uma manobra surpreendente, o diabólico líder dróide General Grievous invadiu a capital da República e sequestrou o Chanceler Palpatine, líder do Senado Galáctico. Enquanto o exército separatista de dróides tenta escapar da capital sitiada com seu valioso refém, dois cavaleiros Jedi lideram uma desesperada missão, para resgatar o Chanceler preso...*

Destacamos o trecho que estabelece que “há heróis de ambos os lados”. O conde Dooku, munido de seu título de nobreza que remete diretamente ao feudalismo medieval, é um idealista da causa separatista. É um herói de guerra que, assim como Anakin Skywalker, foi manipulado, usado e descartado por Palpatine. De seu ponto de vista, travava uma Guerra Justa. De fato, a rigor, jedi e sith são praticantes da mesma religião, a partir de tradições iniciáticas diferentes. Assim como as duas grandes religiões monoteístas: Islã e Cristianismo.

*Os cristãos encontraram os muçulmanos pela primeira vez como conquistadores: é bastante compreensível que tenham visto o islã como intrinsecamente belicista. Dada a atmosfera intelectual e religiosa da época, a única maneira pela qual conseguiram explicar o islã de forma convincente para eles mesmos foi como um tipo aberrante de cristianismo. Temos aí os dois ingredientes essenciais da imagem cristã do islã: Maomé como um pseudopofeta, impostor, herege; seus seguidores como homens sanguinários e violentos.<sup>35</sup>*

Essa imagem de impostor herético é intrínseca a figura de Palpatine.

Mas o chamado Lado Negro pode ser, sobretudo, uma perspectiva política de caráter autoritária. Em *Episódio II – o ataque dos clones* (00:48:27), Anakin e Padmé dialogam sobre suas convicções:

*Padmé: Você não gosta mesmo de políticos.*

*Anakin: Gosto de dois ou três. Mas não estou certo sobre um deles. Não acho que o sistema funcione.*

*Padmé: Como o faria funcionar?*

*Anakin: Os políticos deveriam sentar, discutir o problema, concluir o que é melhor para o povo e fazer.*

*Padmé: É o que fazemos. Mas as pessoas nem sempre estão de acordo.*

*Anakin: Deveriam ser convencidas.*

*Padmé: Por quem?*

*Anakin: Não sei. Alguém.*

*Padmé: Você?*

*Anakin: Claro que não.*

*Padmé: Quem, então?*

*Anakin: Alguém sábio.*

*Padmé: Está me soando como uma ditadura.*

*Anakin: Bem, se é o que funciona.*

O ocaso da Idade Média marcou justamente o surgimento dos Estados Modernos e, dentro desta estrutura administrativa, as monarquias absolutistas, nas quais os reis mantinham autoridades centralizadoras e inquestionáveis. Nesse sentido, o Imperador Palpatine, a exemplo do papa Inocêncio III, levou ao extremo a Teoria dos Dois Gládios. Estabeleceu um sistema semelhante ao Cesaropapismo nesse universo ficcional. Unificou as funções imperiais e pontifícias em sua pessoa. Existe aqui certa influência da organização religiosa romana, na qual o Imperador era também o Sumo Pontífice. Nesse caso, o efeito imediato seria a submissão da Igreja ao Estado, como de fato se observa no Império Galáctico. Antes de ser um antipapa ou papa negro, Palpatine é um líder de Estado. Não aparece em nenhum dos filmes imposições imperiais relativas a questões dogmáticas ou de liberdade de culto. Todas as querelas são de fundo político-econômico. O hábito negro que o Imperador usa não refletia necessariamente seus hábitos e governo.

### Regras da vida monástica

Mas, como se sabe, diz um espirituoso ditado que “o hábito faz o monge”. Esse jogo de palavras, com humor implícito, reflete as relações entre as práticas cotidianas e a vestimenta que se usa cotidianamente. Os *miles Christi* caracterizavam-se por exibir a cruz em seus hábitos. No medievo não existia a expressão “cruzada”, tais expedições eram conhecidas como *peregrinatio contra paganos*, a “peregrinação contra os pagãos”, e quem participava delas eram aqueles que “levavam a cruz”. Dessa forma, por exemplo, os Hospitalarios, identificados pelos mantos negros ornados com uma cruz branca, eram responsáveis pela acomodação dos peregrinos e da manutenção dos hospitais. A Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, que usavam túnicas brancas com uma cruz negra, era responsável pelo atendimento aos enfermos. A Ordem dos Templários, que se distinguiu pelas vestes brancas ornadas com uma cruz vermelha, tinham por obri-

<sup>36</sup> CISTER – DOCUMENTOS PRIMITIVOS. Lisboa: Colibri, 1999, p. 99.

<sup>37</sup> A REGRA PRIMITIVA..., *op. cit.*, p. 98 e 99.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*, p. 117.

<sup>39</sup> *O retorno de Jedi* (EUA, *Star Wars episode VI – return of the jedi*, 1983). Direção: Richard Marquand. Roteiro: George Lucas; Lawrence Kasdan. Produção executiva: George Lucas. Produção: Howard Kazanjian. Música: John Williams. Elenco: Mark Hamill, Harrison Ford, Carrie Fischer, Alec Guinness. Aventura / Ficção. Cor, som, 134 min. DVD.

<sup>40</sup> NETO, Jônatas Batista. *História da Baixa Idade Média (1066-1453)*. São Paulo: Ática, 1989, p. 28.

gação proteger os peregrinos em trânsito, além de guardar o Templo de Jerusalém e o Santo Sepulcro. Os jedi por sua vez carregam um símbolo específico da confraria.

A Regra XVI dos monges cistercienses, de acordo com a edição traduzida e comentada pelo medievalista português Aires A. Nascimento, determina que “o vestuário seja simples: capa, túnicas, calçado, polainas, chinelas, romeira que cobre apenas os ombros e o peito; [...] As peles sejam grossas e simples”.<sup>36</sup> No caso da vestimenta do monge jedi, conforme apresentada nas duas trilologias, é possível observar certa aplicação dessa perspectiva.

A primeira vez que o espectador é apresentado visualmente a um cavaleiro jedi ocorre no início do primeiro filme da trilogia original, chamado então de *Guerras nas estrelas* e, posteriormente, rebatizado de *Episódio IV – uma nova esperança*. Trata-se de Obi-Wan Kenobi encapuzado, de braços abertos, estendendo todo o pano da roupa, e gritando; com o objetivo de afugentar alguns nômades bárbaros da espécie conhecida como Povo da Areia, que atacavam Luke Skywalker. Com o entrevero resolvido, o ancião retira o capuz e se revela. Suas roupas são simples e práticas, aparentemente pensadas para proteger das temperaturas extremas encontradas no deserto. O tecido da roupa de Kenobi parecer ser rústico e grosso, determinando uma vida ascética.

Na Regra dos Cavaleiros Templários, conforme a edição crítica de Pinharanda Gomes, lê-se que “mandamos, que os vestidos sejam sempre de uma cor, como branco ou negro, ou por melhor dizer de burel [...]. Mas porque este vestido nem há-de mostrar vaidade, nem gala”.<sup>37</sup> Nem mesmo um general experiente como Kenobi, por sua condição de monge-guerreiro, deve deixar-se seduzir pela vaidade. Não exhibe medalhas e galardões. O elemento monástico é dominante sob a estética militar. Uma afirmação de humildade. “Há-de haver grande cuidado em que um não dê a outro ocasião de sentimento; porque a Suma Clemência uniu com vínculo de Irmandade e amor igualmente aos ricos, e aos pobres”.<sup>38</sup>

De fato essa característica de neutralidade da vestimenta jedi é observada no início de *Episódio I – a ameaça fantasma*, quando o droide que recebe Qui-Gon Jinn e seu então aprendiz Obi-Wan Kenobi na nave capitania da Federação de Comércio informa a seus proprietários acredita “que os embaixadores são cavaleiros jedi” (00:03:45). A incerteza é um dado importante aqui, pois quando a dupla foge para Tatooine, também conseguem passar praticamente despercebidos. Portanto, o hábito jedi não é exatamente um emblema, tampouco um uniforme. Vide que jedi importantes como Aayla Secura, conhecida por seu visual azul, não o usam. E mesmo Luke Skywalker, quando reconhecido como um jedi formado por Yoda, em *Episódio VI – o retorno de Jedi*<sup>39</sup>, optou por uma roupa cível, sem capuz ou capa, e inteiramente negra.

Uma curiosa distorção da tradição monástica foi revelação de que os *yong.li*, jovens aprendizes jedi ou pré-padawans, são cooptados desde a infância. Na Idade Média o mais comum é que as crianças

*Aos 07 ou 08 anos de idade era enviados a corte de um amigo da família. [...] Lá, tornava-se pajem, aprendia música e canto e servia à dama do castelo. Aos 14 ou 15 anos, era transformado em escudeiro e, a partir daí, começava a receber um treinamento militar que se estendia até os 20 anos: cuidava dos cavalos, da armadura, servia o senhor à mesa e aprendia a cavalgar e manejar armas.*<sup>40</sup>

Contraditoriamente, em *Star wars*, muito jovens, com talvez cinco anos ou menos, vão morar no Templo Jedi em Coruscant, a capital da República, onde recebem educação ético-religiosa, treinamento físico e de controle da força. Lembra o sistema espartano. Na realidade, era incomum a presença de crianças nos mosteiros. A célebre história de Marcelino Pão e Vinho representa exatamente uma incomum exceção. Na regra dos templários encontramos a indicação de que “ainda que a Regra dos Santos Padres permite receber aos moços aos mosteiros; não é conveniente, que vós outros vos encarregueis deles (...) porque é melhor não fazer os votos na primeira idade que faltar a eles na madura”.<sup>41</sup>

Nesse sentido, durante o *Episódio I – a ameaça fantasma*, a introdução de Anakin Skywalker no Templo Jedi aos oito anos, estando muito “velho” para ser treinado, é uma liberdade poética. Da mesma forma que a longa trança que caracteriza um padawan, pois a regra Tmplária é clara quando afirma que “não há dúvidas que é de Gentios levar tranças e copetes; e pois isto parece tão mal a todos, o proibimos e mandamos, que nenhum traga tal alinhio”.<sup>42</sup> Por outro lado, foram fiéis quando estabelecem que raramente cavaleiros jedi viajem sozinhos. Também entre os Templários o correto seria que “os que saírem dessa maneira nem de dia, nem de noite vão sem companhia; isto é sem Cavaleiro, ou Religioso dos Perpétuos”.<sup>43</sup>

### Amor e cortesia

A Idade Média foi, essencialmente, um período de extrema desconfiança com a mulher. A religião cristã, que ocupava o centro da existência humana de então, relegava à figura feminina o papel de arma diabólica de tentação do homem. Numa perspectiva de comparação entre o medievo a representação feminina em *Star wars* descortina-se para a rainha Padmé Amidala papel semelhante ao desempenhado por personagens como Guinevere, a rainha do rei Artur, Isolda, amante de Tristão, e Heloisa, amante de Abelardo. Pertencem, de acordo com essa visão, a tradição de Pandora e Eva, como causadoras de grandes males, não por serem necessariamente ruins, mas por serem mulheres e carregarem todos os “defeitos femininos”: curiosidade extrema, ingenuidade pecaminosa e furor uterino. O amor, que inspiraram cunhou tragédias. Derrubou o reinado de Artur, matou Tristão e castrou Abelardo.

Em *Star wars*, analisando sua narrativa sob um ponto de vista “conservador”, sem levar em conta subtextos psicológicos mais sofisticados, o amor por Padmé provocou a conversão de Anakin ao lado negro da Força e sua subsequente queda e decadência física ao fim do duelo com Obi-Wan Kenobi. O combate entre amigos era compreendido na Idade Média como a mais extrema das situações. A luta entre Artur e Lancelot e entre Tristão e seu tio Marcos não representavam apenas conflitos pessoais, mas a crise de uma época. Isso porque na Idade Média não existia o conceito de amor, tal qual é conhecido nas sociedades modernas. Na verdade, o termo “amor” era usado para “designar o sentimento que os homens têm uns pelos outros”.<sup>44</sup> O amor, portanto, era usado para designar amizades masculinas. Em *Episódio III – a vingança dos sith*, ao final do duelo no qual desmembra seu ex-aprendiz Anakin Skywalker, Obi-Wan Kenobi exclama consternado: “Você era meu irmão, Anakin. Eu amava você” (02:00:33). Certamente, os princípios da lealdade e vassalagem eram implícitos. O que havia entre homens e mulheres era a cortesia. Fazia-se a corte, mas a realização física do

<sup>41</sup> A REGRA PRIMITIVA..., op. cit., p. 98, 99 e 121.

<sup>42</sup> *Idem, ibidem*, p. 103.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, p. 105.

<sup>44</sup> DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 67 e 68.



<sup>45</sup> LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*, op. cit., p. 35.

<sup>46</sup> CISTER – DOCUMENTOS PRIMITIVOS, op. cit., p. 96.

<sup>47</sup> DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, op. cit., p. 69.

<sup>48</sup> LE GOFF, Jacques. A função cultural: a imagem e o vivido. In: *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 196.

desejo deveria ser contido, sob pena de provocar tragédias. Neste sentido, o amor cortês era relacionado com a luxúria feminina.

Esse sentimento era universalmente aceito. “A grande diferença, creio, entre mentalidades medievais e mentalidades modernas está na ausência, na Idade Média, de um sentimento (e de práticas) de laicidade – ainda que a distinção entre clérigos e leigos seja essencial, mas também religiosa”.<sup>45</sup> Acreditamos que também por isso o cavaleiro jedi, seguindo a tradição monástica ocidental, fazia voto de castidade. No tópico VII da Regra de Cister vemos que “Nenhuma mulher entre na residência das granjas, a não ser por mandado do abade ou do prior, nem alguém fique a sós a falar com uma mulher”.<sup>46</sup> O caso de amor entre o jedi Anakin Skywalker e a senadora e ex-rainha Amidala é proibido não por entraves de ordem social, devido à diferença de classes, sendo ela uma nobre e ele um ex-escravo, mas por tabus religiosos.

O medievalista francês George Duby aponta que ligações amorosas secretas entre jovens donzelas e cavaleiros eram recorrentes. Para o chefe da casa o maior perigo era o de “dar o nome a filhos gerados por outra semente e que assim usurparão os bens ancestrais”.<sup>47</sup> Cria-se, portanto um clima tenso, de eterna vigília e desconfiança nos castelos, o que muitas vezes poderia justamente aumentar a excitação das jovens damas, ansiosas para jogar o perigoso jogo do amor. No caso de um monge, o que se colocava em foco era mais o estrito código de obediência da confraria. No referido caso entre Anakin e Padmé existe também a questão da legitimidade real. Casaram-se em segredo ao final de *Episódio II – O ataque dos clones*. Sabemos que Naboo não é uma monarquia tradicional, na qual o título real é hereditário e vitalício. Trata-se de uma adaptação da estrutura republicana, na qual o monarca é escolhido por votação para exercer o poder durante um período determinado de tempo. Mas, supõem-se, apenas membros da casta real podem se candidatar ao posto. Nesse caso, os gêmeos Luke e Leia que nasceram ao final de *Episódio III – a vingança dos Sith* pertenciam a Casa Real do planeta Naboo, com todos os direitos de descendência garantidos?

Trata-se de uma causa para ser levada às cortes supremas de Coruscant. Afinal, como demonstrou Le Goff, na Baixa Idade Média “o espaço é um espaço jurídico que inclui o interior e o exterior, cuja definição e utilização estão subordinadas ao senso comunitário, ao ‘comum serviço’”.<sup>48</sup> Mas, em caso positivo, haveria outro, e maior, problema: se fossem criados como irmãos, no luxo da corte de Naboo, Luke e Leia viveriam uma vida de aventuras?

Retomando Umberto Eco, em sua fantasia espacial George Lucas foi hábil em “sonhar a Idade Média” fazendo de seus moços cavaleiros, monges e dragões elementos cênicos reconhecíveis para o grande público. Soube perceber que, para o imaginário, uma espada permanece uma espada, mantendo todo seu simbolismo, independente da lâmina ser de metal ou de luz. Essa luz é um efeito cosmético, mais do que um sentido por si só. Se os mitos heroicos sempre se reescrevem, como propôs Joseph Campbell, o grande mérito de Lucas foi o de demonstrar que os valores do medievo romântico ainda geram interesse na contemporaneidade.



*Artigo recebido em outubro de 2013. Aprovado em fevereiro de 2014.*